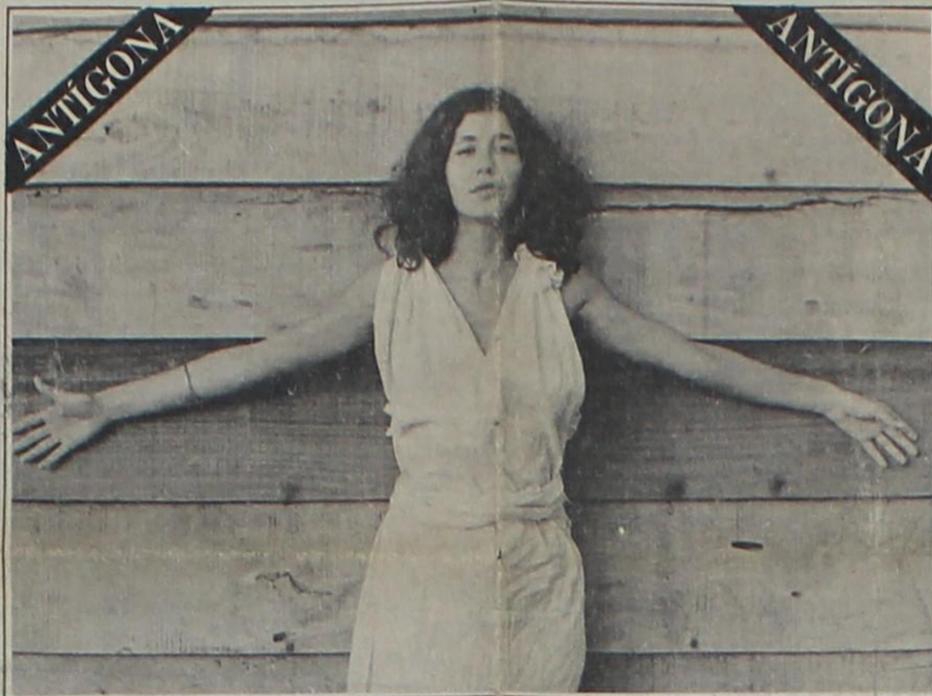


# UMA TRAGÉDIA DE DOIS MIL ANOS



**Título:** Antígona. **Autor:** Sófocles. **Ação:** Época heróica da Grécia, em Tebas, a cidade das sete portas. **Primeira representação:** 441 a. C., em Atenas. **Elenco:** Alcione Dias (Antígona), Márcia Gáudio (Ismênia, sua jovem irmã), Luiz Tadeu Teixeira (Creon, rei de Tebas e tio de Antígona e Ismênia), Vicente Fantini (Guarda), Roberto Rocha (Hemón, filho de Creon e noivo de Antígona), Bob de Paula (Tirésias, o adivinho cego), Neusa Orosz (Euridice, esposa de

Creon), Agostino Lázaro (Mensageiro), Vera Viana (Serva), Antônio Scota, Carlos Roberto Claudino, Vera Viana, Adauto Vivaldi, Francisco Israel, Agostino Lázaro, Neusa Orosz, Marcia Gaudio e Roberto Rocha (Povo e guardas de Tebas). **Iluminação:** Michel Bongiovanni. **Música:** Antônio Alaerte. **Cartaz:** Atilio Gomes. **Estréia:** Hoje, às 21 horas, no Teatro da SCAV (av. Beira Mar, ao lado do Salesiano), porque, segundo o diretor Luiz Tadeu Teixeira: "Ou vai ou racha".

## "Antígona" inaugura teatro da SCAV

**C**riado em fevereiro, o Ex-Teatro Aberto já tem seus hábitos. Os horários de chegada, por exemplo, obedecem a um ritmo cotidiano. Scota e Claudino são sempre os primeiros. Depois, pouco a pouco, surgem Roberto, Vera, seu namorado Carlão e sua amiga Z, os dois últimos também fizeram parte do elenco.

Se "Baixinho", o vigia, não treme a chave da porta do palco, é só esperar pelo Chico, que possui um método infalível de abri-la. Com ele, invariavelmente vem o Vivaldi, que não é músico, mas artefício confeccionou parte dos adereços de couro da peça. Um fusca barulhento anuncia Bob e Alcione. Só Tadeu, nos últimos dias deixou o ar mais quieto sem ronco da sua moto. Por último Márcia, Agostino e Neusa.

Já dentro do teatro que há 25 anos a Sociedade de Cultura Artística tenta construir, eles falam de cotidiano. Enquanto esperam o ensaio, dão um pulo no bar mais próximo para esquentar o sangue ou para ficarem mais comunitários.

**N**a volta, começa o esquentamento. Alguns fazem ginástica, outros dançam, ou leem o texto. Para esquentar a voz: uivos agudos e graves. Criam-se sons: letras, sílabas, palavras. E quando um deles diz "Tebas", "Antígona" começa.

A PEÇA

"Antígona" foi escrita por Sófocles, em Atenas, na Grécia, 441 anos antes do nascimento de Cristo. Seu autor foi um homem feliz. Viveu 92 anos (497-405 a.C.). Ocupou vários cargos públicos importantes durante o governo do tirano Péricles (461-429 a.C.), conhecendo em vida a época áurea da democracia ateniense.

**A**ção de "Antígona" se passa na idade heróica da Grécia, época anterior e bárbara de características tribais. E seus personagens quase que se confundem com os mitos, se não fosse intervenção de Sófocles colocar sempre em primeiro plano um personagem: o Homem.

"Antígona" está entre as primeiras tragédias de Sófocles, que a escreveu aos 59 anos. Seu tema: o conflito entre as leis humanas e as não-escritas leis dos deuses.

Filha de Édipo, Antígona rei de Tebas, Antígona tinha dois irmãos, Étócles e Polínice, herdeiros do trono com a morte do pai. Segundo os costumes, Étócles, o mais velho, deveria reinar primeiro. Depois de um ano, seria a vez de Polínice, que expulso de Tebas, uniu-se aos argivos, inimigos dos tebanos, organizando uma expedição contra a cidade para conseguir o poder do irmão.

Depois de uma longa batalha, os dois chefes-irmãos decidem enfrentar-se em duelo, no qual ambos morrem. Neste momento tem início a ação da peça.

**E**m nome das leis divinas, segundo as quais a alma de um defunto só conseguia a paz depois que o corpo estivesse enterrado, Antígona decide prestar honras dos funerais a seu irmão Polínice, apesar da edito de seu tio Creon, novo rei de Tebas, que proibia o sepultamento de qualquer argivo ao aliado,

incorrendo assim em perigo de morte. Presa em flagrante, Antígona é levada à presença do governante. Durante um acirrado interrogatório, é colocado o tema central da peça: a primazia das leis humanas sobre as tradições religiosas pode gerar o ódio dos deuses. Assim como seu contrário, pode levar a rebelião civil.

Comentando "Antígona" o inglês R.C. Jebb afirmou: "A questão não é um simples conflito entre a lei do Estado e deveres religiosos; é um conflito entre a lei do Estado imposta com excessivo rigor e uma afeição natural colocada acima das leis. Creon está certo na letra e errado no espírito. Antígona está certa no espírito e errada na letra". Parafrazeando uma passagem de Hegel: "Do ponto de vista da Justiça Eterna ambos estavam errados, porque agiam unilateralmente, mas ao mesmo tempo ambos estavam certos".

O diretor Luiz Tadeu Teixeira, que também é o tirano Creon, explica a escolha do texto: "A peça de Sófocles é um marco do teatro ocidental. E por isso me pareceu o ideal para um grupo que se inicia".

Em novembro do ano passado foi publicado em jornais da capital um anúncio requisitando atores para a formação de um grupo teatral. No prédio, ainda em fase inicial de construção do teatro da SCAV, houve uma reunião de Luiz Tadeu Teixeira com as 80 pessoas que atenderam o chamado.

Vieram pessoas de várias formações e classes, o que proporcionou a Luiz Tadeu Teixeira formar com 16 deles um grupo heterogêneo como era seu intento.

Em fevereiro deste ano, voltaram a se reunir no porão do prédio em construção. A princípio, eles não tinham nome. Era uma comunidade anônima que lia "Antígona" e estudava a exótica Grécia.

**P**ouco depois, foram aparecendo os convidados: Alcione Dias, Bob de Paula, Rose de Freitas, e Paulo Branco. O grupo de agora vinte pessoas foi então batizado de Teatro Aberto. O seu lema era: "A porta ficará sempre aberta".

Houve quem atendesse ao convite. Ao mesmo tempo que integrantes originais iam deixando o trabalho ou partindo para outras produções.

A princípio não havia papéis definidos. Era até idéia original da direção que houvesse um rodízio de papéis entre o elenco.

Um dia em que não se achava a chave do porão, resolveu-se entrar pela primeira vez no palco. O prédio ainda não tinha luz elétrica. E o ensaio foi iluminado por velas.

Os papéis foram escolhidos pelos atores, que ainda nem conheciam bem o texto. Mas, ao final deste ensaio bem sucedido, o diretor comentava sorridente: "Aos trancos e barrancos conseguimos levar a peça até o fim".

**D**é e lá em diante começaram os ensaios de marcação. Logo a luz foi instalada. E a idéia de rodízio foi parcialmente abandonada. Alcione seria Antígona, Bob faria Tirésias, o adivinho. Rose de Freitas era a irmã mais nova de Antígona, a tímida Ismênia, papel que seria entregue depois à Neusa Cruz com a saída de Rose, e chegaria finalmente às mãos de Márcia Gáudio.

Creon, o tirano, foi mais complicado. No primeiro ensaio de palco, ele foi criado por Joelson Kojak que, logo depois, sumiria. Sebastião Carniero, ator revelação em "O Capeta de Caruaru", dirigido por Antonio Carlos Neves, em 1976, com o grupo do Teatro Estudado, foi então convidado por Tadeu para o papel. Ensaiou-o vários meses. Um dia, Luiz Tadeu anunciou que preferia ir trabalhar como pedreiro. E o diretor teve que assumir o papel. Um pouco a contragosto, no princípio, pois sua intenção inicial era manter-se distanciado. "Se no dia não tiver um iluminador ou a bilheteria, eu vou ter que fazer estas coisas", dizia ele.

Mas, a estréia era ainda uma data longínqua. Não havia pressa ainda. Os atores estavam mais preocupados em se aperfeiçoar, preparar-se, pois o diretor não queria ninguém sem folgo na estréia.

**C**omeçou então o período de preocupação física. Tadeu ensinou aos atores alguns exercícios. Mas só os fazia esporadicamente. Achava que eram os próprios atores que deveriam se desenvolver por si. "Você dá as bases para as pessoas desenvolverem sua própria expressão corporal, diz ele. Se eles fizerem como eu, vão me repetir. E isto bloqueia a criatividade. Cada um deve procurar, por si, superar suas limitações e romper seus condicionamentos".

Foi então que surgiu Gelson Santana, até então o primeiro que aderiu ao grupo sem o objetivo de tornar-se ator. Seu trabalho rápido, porém bastante útil para

alguns elementos do Ex-Teatro Aberto, tinha como fim a tomada de consciência do ator de seu corpo e o desenvolvimento de sua expressividade cênica.

Começou-se a falar em ioga. E a inspiração teórica vinha dos últimos escritos de Stanislavski e o Grotowski do teatro pobre". A meta era a disciplina absoluta: o ator santo. Era preciso ser radicalmente verdadeiro, despojar-se por completo. (O tempo provou, no entanto, que esta meta não seria conseguida nesta montagem).

**É** interessante notar que a linha de montagem, como ela se apresenta às vésperas da estréia, parte de um exercício comum em teatro: o do carrasco e a vítima, no qual um grupo de dois ou mais atores encarnam em diferentes tempos os dois papéis.

Explica Luiz Tadeu: "Descobri que a relação carrasco-vítima funcionaria como linha possível de montagem com a leitura do texto. Antígona é vítima de Creon e ao mesmo tempo carrasca de si mesma. O mesmo acontece com Creon que, ao final, quer castigar-se. E esse jogo da tirania que existe no texto, é colocado na montagem pela relação carrasco-vítima e da própria tirania, que também é uma relação de cima para baixo. Ela se estabelece não só entre Creon e Antígona, como também entre Antígona e Ismênia, quando a primeira força a segunda a tomar uma posição. A mesma coisa em relação a Tirésias e Creon. Como também no nosso próprio cotidiano: envolvendo pai e filho, professor e aluno, motorista e passageiro, etc, etc".

A partir de junho as discussões em torno do problema da estréia começaram a se acirrar. Alguns elementos do grupo achavam que já estava na hora de mostrar um resultado ao público. Mas Luiz Tadeu argumentava que só estrearia a montagem quando ela estivesse perfeita.

**A**lém disso, havia um fator burocrático. O teatro da SCAV não oferecia condições para receber o habite-se da Prefeitura. Os banheiros ainda não estavam prontos, as portas não estavam instaladas. E a parede que separava o palco da platéia havia sido derrubada há pouco.

Em agosto, a sra. Edith Bulhões anunciou que a SCAV talvez não fosse inaugurada com "Antígona". A diretora-executiva da Sociedade de Cultura Artística de Vitória preferiu promover um festival de ópera em setembro, o que adiará a estréia da peça por tempo indeterminado. Era uma proposta inaceitável para o grupo.

Foi um período de crise. Chegou-se mesmo a anunciar o fim de tudo. Mas o Teatro Aberto (que recentemente juntara seu nome o prefixo ex) deu a volta por cima. Os ensaios continuaram na SCAV. Mas a estréia e as apresentações seriam no Dispensário São Judas Tadeu, em Vila Velha. Depois, "Antígona" seria apresentada em Vitória no antigo convento de São Francisco e/ou na Igreja do Rosário. (A idéia, na verdade, não foi abandonada até hoje. Segundo Luiz Tadeu, "Antígona" poderá inaugurar estes espaços teatrais, cada um apresentando uma versão ligeiramente diferente.

No final de agosto, a sra. Edith Bulhões anunciou que não haveria mais o festival de ópera. Foi firmado um contrato. E a estréia foi marcada para o início de outubro.

**N**o final de setembro, Luiz Tadeu levou Michel Bongiovanni, que na época ministrava um curso de iluminação no Carlos Gomes, para assistir ao ensaio. O convite para a parte de luz e programação natural veio naturalmente.

Francis de Bourdeaux, 24 anos, formado em Sociologia da Comunicação pela Universidade de Jussieu-Paris, Michel Bongiovanni tem uma longa folha de serviços prestados ao teatro. Aos 19 anos, já na universidade, fundou a companhia teatral de St. Louis de Montferland que apresenta "A Cantora Careca" de Ionesco.

Em 1973, foi diretor-técnico do Festival de Avignon, e do Centro Dramático de Marseille e da peça "Dies Irae", de Michel Gelderde, que os críticos apontaram como uma bem sucedida montagem iluminada apenas por velas, mas que, segundo Michel, utilizou 28 refletores.

**E**m 1975, ele abandona o teatro e se inicia no jornalismo. Seus trabalhos, a maioria realizados para a televisão, tinham como objetivo a denúncia do poder dos signos na sociedade contemporânea. Era um trabalho de contracomunicação", diz Michel. No final de 1975, ele parte para Guiana Francesa, onde é correspondente da Agência Gamma e o jornal "Le Monde de Education".

Em 1976, representa a França no Workshop Internacional de Viena, organizado pela Unesco sobre comunicação audiovisual. De volta à América Latina, sai da Guiana Francesa e começa a viajar pela costa brasileira, realizando alguns trabalhos esporádicos.

Já no Rio, este ano, é contratado pelo Serviço Nacional de Teatro como iluminador, realizando cursos em várias capitais. E pela Escola de Teatro Martins Pena como professor de Comunicação Audiovisual da Escola de Teatro Martins Pena.

Michel Bongiovanni aceitou o convite de Tadeu, "pôr se tratar de uma oportunidade de realizar um trabalho experimental que foge ao esquema comercial".

**P**ara a parte musical foi chamado Antônio Alaerte, já que desde o início era ponto pacífico, que música gravada não seria usada. A princípio, havia apenas um tema grego improvisado pelo ator Agostino Lázaro numa cena da peça.

Antônio Alaerte explica seu trabalho: "A música no caso só interessa para o surgimento de climas que provoquem o despojamento das pessoas: atores e espectadores. Como o objetivo é o clima, a improvisação é a melhor solução. Além disso, não se conhece a música da Grécia Clássica.

E AGORA, TADEU?

Pergunta: este espetáculo é tão perfeito como você imaginava?

Luiz Tadeu. Não. Por causa das dificuldades técnicas e de produção, coisas comuns no teatro amador. Todo mundo quer ser ator e ninguém quer fazer o mais chato.

Você pretende formar uma cooperativa teatral? A cooperativa pode ser uma solução. Desde que todos realmente corram os riscos juntos, para também gozarem igualmente os frutos do trabalho.

É verdade que você já pensou num repertório de peças?

Esta idéia ainda não foi abandonada. Pretendo fundar uma companhia profissional. Pretendo aliar também o trabalho de dança de minha mulher, Denize Marques, e montar balés, peças e musicais.

Quais os planos para o futuro? "Sonho de uma Noite de Verão", "A Mandragora", "O Arquitecto e o Imperador da Assíria", "A Megera Domada", ou mesmo "Antígona" novamente num balé dramatizado.

Por que esta fidelidade aos clássicos? Ultimamente têm aparecido poucas peças que digam alguma coisa. Montar os clássicos não é um retrocesso. É uma questão de você trabalhar para torná-los populares.

Quanto tempo "Antígona" vai ficar em cartaz? Na SCAV, por quinze dias. Depois pretendo apresentar em outros locais que não os teatros convencionais. O Convento de São Francisco e a Igreja do Rosário, na cidade Alta, e no Dispensário São Judas Tadeu, em Vila Velha. Nesses deslocamentos, a montagem deverá sofrer algumas modificações para atender às características de cada espaço. Sem contudo perder sua característica essencial e original.

**N**a SCAV, por quinze dias. Depois pretendo apresentar em outros locais que não os teatros convencionais. O Convento de São Francisco e a Igreja do Rosário, na cidade Alta, e no Dispensário São Judas Tadeu, em Vila Velha. Nesses deslocamentos, a montagem deverá sofrer algumas modificações para atender às características de cada espaço. Sem contudo perder sua característica essencial e original.

**N**a SCAV, por quinze dias. Depois pretendo apresentar em outros locais que não os teatros convencionais. O Convento de São Francisco e a Igreja do Rosário, na cidade Alta, e no Dispensário São Judas Tadeu, em Vila Velha. Nesses deslocamentos, a montagem deverá sofrer algumas modificações para atender às características de cada espaço. Sem contudo perder sua característica essencial e original.



Alcione Dias é Antígona, e Luiz Tadeu Teixeira o tirano Creon, na peça que tem ingressos a 50 cruzeiros hoje e 30, amanhã.